



INTER  
FACES  
CIENTÍFICAS

HUMANAS E SOCIAIS

ISSN IMPRESSO 2316-333X

ISSN ELETRÔNICO 2316-3828

DOI 10.17564/2316-3801.2015v4n1p111-115

# Entrevista | Profa. Dra. Maria Cecília de Souza Minayo<sup>1</sup>

ENTREVISTA CONCEDIDA POR E-MAIL NO PERÍODO DO 4º CONGRESSO IBERO-AMERICANO EM INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA (CIAIQ) E O 6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO (SIMEDUC) - ENTRE 5 E 7 DE AGOSTO DE 2015

Entrevista concedida a

Bruna Bariani<sup>2</sup>

Ronaldo Nunes Linhares<sup>3</sup>

► **Interfaces Científicas:** De acordo com a senhora, os termos que estruturam a pesquisa qualitativa são substantivos de sentidos complementares: experiência, vivência, senso comum e ação. Já os movimentos que envolvem qualquer abordagem ou análise se baseiam em três verbos: compreender, interpretar e dialetizar. Quais são as nuances entre tais termos?

**Maria Cecília de Souza Minayo:** Em primeiro lugar preciso dizer que minhas respostas são fruto de leitura e de diálogo com vários autores que se fundamentam na filosofia e na sociologia compreensivista e desses cito: Max Weber, Dilthey, Heidegger, Gadamer, Habermas, MerleauPonty, Schutz, Bourdieu, Adorno e outros.

**Experiência** – O mundo da experiência é o mundo da vida, quer dizer, a base de toda ação, de toda operação do conhecimento e da elaboração científica.

Utilizado insistentemente por Heidegger, o conceito de experiência fala do ser-aí (tal como se apresenta) e do ser-no-mundo (em comunicação e ação junto com o outro). Para este autor, o sentido da experiência é a compreensão, pois o ser humano “é” compreendendo a si mesmo e seu sentido no mundo da vida. É a partir dessa ontologia que ele se abre para entender os outros e o mundo. Por ser constituinte da existência humana, segundo Heidegger, a experiência não é um desafio à reflexão. Ao contrário, a reflexão recebe da experiência seu alimento e seu movimento e se expressa a partir da linguagem, seja ela falada e em suas outras formas. Mas, a linguagem não traz a experiência pura: ela vem organizada pelo sujeito através da reflexão e da interpretação de primeira ordem (ou seja a interpretação do próprio sujeito vem marcada pela cultura que precede a narrativa e o narrador. Nesse sentido, o narrador é sempre indivíduo e grupo, pois ele realiza ao mesmo tempo sua compreensão do mundo como experiência própria, mas sempre ar-

1 Graduação em Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1978), graduação em Ciências Sociais – City University of New York (1979), mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1985) e doutorado em Saúde Pública pela Fundação Oswaldo Cruz (1989). Desde 1997 é editora científica da revista Ciência & Saúde coletiva da Associação Brasileira de Saúde Coletiva e pesquisadora titular da Fundação Oswaldo Cruz. Tem experiência na área de Saúde Pública, com ênfase em Saúde Coletiva, atuando como professora, pesquisadora e orientadora principalmente nos seguintes temas: antropologia da saúde, metodologia de pesquisa social, metodologia da pesquisa social em saúde pública, violência e saúde, causas externas, violência, saúde coletiva e saúde e sociedade.

2 Professora da Universidade Tiradentes Unit. Mestre em Ciências da Comunicação pela USP (2013). Participa do Grupo de Pesquisa Educação Comunicação e Sociedade, e-mail: brunabariani@yahoo.com.br

3 Professor PPG III da Universidade Tiradentes do Programa de Pós-Graduação em Educação. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (1996). Doutor em Ciências da Comunicação - Universidade de São Paulo (2003) e Pós doutorado em Educação e Comunicação e Artes pela Universidade de Aveiro/Portugal (Bosista) CAPES. Líder do Grupo de Pesquisa Educação Comunicação e Sociedade (UNIT/CNPq). E-mail: ronaldo\_linhares@unit.br

ticulada à experiência coletiva, a qual Merleau-Ponty denomina “sociabilidade originária”. Na obra “Fenomenologia da Percepção”, esse autor observa que o social está no ato inaugural antes da tomada de consciência do indivíduo sobre si mesmo: a experiência narrada vem envolta pela cultura e moldada por emoções, experiências anteriores e múltiplas razões.

**Vivência** – A vivência se distingue da experiência pelo critério individual de caracterização do real. Ela constitui uma objetivação da experiência pelo indivíduo, em forma de realidade pensada. Ou seja, a vivência se diferencia da experiência porque ela reflete a elaboração do indivíduo sobre o que ele experimenta. Essa diferenciação pode ser clarificada com um exemplo: vários indivíduos podem passar, ao mesmo tempo por uma mesma realidade, como a morte de um membro da família, ou o nascimento de uma criança, ou uma grande catástrofe ou um ato autoritário. Embora a experiência dos indivíduos que presenciaram tais fatos seja igual, a vivência de cada um sobre o mesmo fenômeno é diferente: ela configura uma elaboração individual que tem como base a própria personalidade, as experiências anteriores, a capacidade de reflexão, os interesses e o lugar que esse indivíduo ocupa na sociedade. A linguagem do sentido comum é o instrumento primordial da narrativa das experiências vivenciadas, que ao mesmo tempo estão carregadas de sentido coletivo.

**Senso comum** – O senso comum é uma espécie de receita de como agir, armazenada desde a infância, que se torna responsável pelas representações, percepções, hábitos, comportamentos, ações e tipificações da realidade. Esse material que vem da sociabilidade primária se expressa na linguagem tem como base a possibilidade do entendimento humano. Cada pessoa traz consigo um corpo de conhecimentos baseado nas suas experiências existenciais, que a orienta nas diversas situações da vida. Diferentemente, das escolas positivistas, para as quais o senso comum é um pré-conceito que pode prejudicar o acesso à verdade, para os compreensivistas, o senso comum é a matéria prima dos estudos empíricos. Pois ele contém a vivência das experiências e se orienta

para o que o ser humano considera coletivamente como verdadeiro, correto, plausível e prático.

**Ação** – existe vasta literatura sobre o sentido da ação humana na história. E o conceito de ação para a pesquisa qualitativa significa que em qualquer estudo há que se levantar a história e o papel dos diferentes sujeitos na constituição da realidade. Ação é um conceito contrário à ideia de “determinações sociais” e de que as pessoas sejam sempre “vítimas” das condições sociais. Pois se considera que os indivíduos e as coletividades dão rumos a seus destinos, a seus grupos e a suas instituições (seja por ação ou omissão), mesmo que enfrentem condicionamentos das mais diferentes ordens. Para Heidegger, o conceito de ação está vinculado ao de liberdade, de intencionalidade e se expressa na interação: liberdade para ser e liberdade para atuar no mundo. Mundo que, para esse filósofo, não constitui um lugar, mas um complexo formado pela significação das experiências humanas no tempo: o ser humano é um ser histórico, portanto, ele ao mesmo tempo recebe um mundo dado, e age para transformá-lo (seja para que direção for). Max Weber, um dos pais da sociologia compreensiva, elegeu como um dos conceitos chave de sua obra, a ideia de ação, definindo-a como o comportamento humano por meio do qual os indivíduos se relacionam atuando orientados por um sentido que é aceito e compreendido pelos outros. Para Weber, o papel das ciências sociais e humanas é o de compreender essa ação e seus significados que se expressam nas relações, nas criações históricas e nas instituições. Habermas, em diálogo com Gadamer, assinala que o ser que compreende, compreende na ação e, por isso, é importante se levar em conta nos estudos compreensivos, o papel dos conflitos e das contradições entre as falas e o que se faz.

► **Interfaces Científicas:** O material primordial da investigação qualitativa é a palavra. A que se deve o destaque à fala cotidiana?

**Maria Cecilia de Souza Minayo:** Vou responder de forma rápida, pois já tratei da linguagem – da qual a palavra é o símbolo por excelência. A fala (que já

nasce como interpretação na narrativa da experiência e da vivência) é reveladora das condições estruturais, do sistema de valores, das normas e regras sociais e das representações simbólicas, além de ter a magia de transmitir, por meio de um porta-voz, as percepções, as histórias e as especificidades socioeconômicas e culturais de determinada sociedade ou grupo. Bakhtin considerava a palavra que trata da comunicação da vida cotidiana como o modo mais puro e sensível de relação social. Para nós que trabalhamos com pesquisa qualitativa, claro que podemos analisar uma variedade de linguagens, mas a mais utilizada e valorizada é a fala do senso comum, a expressão por excelência da vida cotidiana.

► **Interfaces Científicas:** O método qualitativo aproxima intimamente sujeito e objeto. Segundo a senhora, desenvolve-se uma empatia natural, intenções e projetos dos atores envolvidos tornam-se densos estruturando relações significativas. Todavia, como não reduzir a compreensão do outro e da realidade a um entendimento introspectivo de si mesmo?

**Maria Cecília de Souza Minayo:** Esta é uma pergunta central da pesquisa qualitativa empírica, pois ao mesmo tempo em que o melhor trabalho de campo é o que consegue um nível mais elevado de intersubjetividade, temos que buscar objetivar o conhecimento, ao mesmo tempo valorizando e ultrapassando o que nos foi dito: isto se consegue por um sério esforço metodológico que inclui desde uma boa revisão bibliográfica para tornar o “objeto” um tema científico, um roteiro de entrevista que inclua várias visões sobre o tema (dialealizando os consensos, os contrastes e contradições entre os diferentes atores); aprofundando a capacidade de entender o que foi dito em si e para além do que foi dito (contexto e a história); sendo capaz de categorizar e classificar o conjunto do material, fazendo-lhe perguntas sobre os pontos relevantes assinalados pelos interlocutores mais diversos; e, por fim, colocando o texto num diálogo com auto-

res nacionais e internacionais. É preciso desconfiar de qualquer compreensão fácil, rápida e definitiva.

► **Interfaces Científicas:** Diante os fenômenos sociais, há um embate entre a teoria Positivista e a Compreensivista – considerada precursora das abordagens qualitativas. Como a senhora analisa a corroboração de cada corrente na análise dos “objetos” sociais?

**Maria Cecília de Souza Minayo:** O positivismo foi responsável por criar a sociologia como ciência, num tempo em que, apenas as ciências naturais eram consideradas como tal. As questões sociais eram vistas como de domínio teológico. Augusto Comte, em suas obras, já havia denunciado a tutela da Igreja Católica (na época, hegemônica) sobre os assuntos humanos. Mas foi Durkheim quem transformou a sociologia em campo científico trazendo o social e humano do céu para a terra, com método, regras claras e fundamentos filosóficos: método padronizado, uso da estatística, busca de regularidades e linguagem de variáveis. Sua obra, entre elas, “As regras do método sociológico” é respeitada até hoje. É preciso dizer que na maioria das ciências o positivismo continua dominante, assim como dentro de alguns nichos das ciências sociais. A crítica ao positivismo versus compreensivismo é de que apenas os métodos padronizados e o estudo das regularidades não dão conta da realidade social, onde dominam o senso comum, as experiências, as vivências, a ação histórica mutante e a intersubjetividade, como já respondi acima. Foi preciso transformar tais noções em conceitos e articulá-los na epistemologia das ciências humanas e sociais. Nesse sentido, é fundamental a obra de Weber, na qual o autor desenvolve, em contraposição a Durkheim, o método compreensivo.

► **Interfaces Científicas:** Tendo em vista os limites de especificidades, a senhora menciona uma relativização da abordagem qualitativa e do método quantitativo na busca de construção de teorias e

o levantamento de hipóteses. Como melhor eger e equilibrar um instrumento de ação (qualitativo / quantitativo) em uma pesquisa?

**Maria Cecilia de Souza Minayo:** Qualquer estudo tem que ter como foco o objeto. Portanto, a definição científica do objeto será quem dirá que método ou que triangulação de vários métodos pode melhor atender à compreensão do que buscamos. Aqui falo por experiência como pesquisadora. Temos trabalhado quase todos os estudos sobre “o impacto da violência sobre a saúde” triangulando métodos quantitativos e qualitativos. Nossa vivência mostra que é possível complementar um com o outro e observar que um pode também suprir lacunas do outro ou enriquecer seus achados. Pois, enquanto o primeiro busca a magnitude e as regularidades, o segundo se aplica ao aprofundamento das questões do ponto de vista dos sujeitos.

► **Interfaces Científicas:** As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) evidenciam cada vez mais sua influência na difusão e gestão de conhecimento. Na pesquisa qualitativa, que novos paradigmas e desafios as TIC implicam?

**Maria Cecilia de Souza Minayo:** Meus objetos de estudo são bastante tradicionais. No entanto eu sei que as TIC são cada vez mais importantes e facilitam muito a comunicação. Por exemplo, para diminuir as dificuldades presenciais como no caso desta entrevista. Mas também o uso das videoconferências ou das comunicações por skype ou nas filmagens que aproximam as falas ou ajudam na sua compreensão. Não saberia dizer as infinitas possibilidades que as TIC trazem para os estudos qualitativos, mas posso vislumbrá-las Em todos os casos porém, não podemos confundir meios com conteúdo. Mudam-se ou facilitam-se os meios, mas as bases e os fundamentos da pesquisa qualitativa permanecem os mesmos. Também, entendo que hoje as TIC devem ser objeto de estudo como qualquer outra criação humana.

► **Interfaces Científicas:** A senhora resgata Bourdieu (1977) ao tratar de “ilusão da transparência”, ou seja, pesquisadores que se limitam à repetição do que ouvem e vêem no trabalho de campo sem uma conclusão contextualizada e fidedigna. Que orientação a senhora daria aos pesquisadores que almejam ter um trabalho de reconhecida validade?

**Maria Cecilia de Souza Minayo:** Cada vez que consideramos a fala de uma pessoa (a verdade dela sobre determinado assunto) com a verdade sobre um tema, nos iludimos. Aqui é preciso lembrar a indignação de Adorno com a pesquisa qualitativa americana tradicional que, ao invés de buscar o sentido, contava as reincidências das falas como se a repetição fosse sinônima de relevâncias. Costumo dizer que precisamos buscar no material qualitativo a lógica dos sujeitos que está subjacente aos “construtos de primeira ordem”, mas Adorno diria mais em sua hermenêutica objetiva: precisamos, através das falas, encontrar a humanidade e a realidade social. Ou seja, fazer pesquisa qualitativa é muito mais do que repetir falas, ou simplesmente categorizar e analisar os “discursos dos sujeitos”. Esses sujeitos estão inseridos num mundo carregado de significados e é nesse lugar que vamos compreendê-los e melhor interpretá-los.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. et al. **The authoritarian personality**. 1950.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **Equisse d’une théorie de la pratique**. Cambridge University Press, 1977.

DILTHEY, Wilhelm. **Introducción a las ciencias del espíritu**. Alianza Editorial, 1986.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método**. v. 1. Petrópolis: Vozes, 1997.

Habermas, Jürgen. **Dialética e hermenêutica**. Porto Alegre: L&PM Editores, 1987.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

MAURICE, MERLEAU-PONTY. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: WSF Martins Fontes, 2006.

SCHUTZ, Alfred. **Common-sense and scientific interpretation of human action**. Springer Netherlands, 1972.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. v. 1. Brasília: UnB, 1999.